



IMAGENS DO “ÍNDIO” NA REVISTA *AMÉRICA INDÍGENA*: ÓRGANO TRIMESTRAL DEL INSTITUTO INDIGENISTA INTERAMERICANO (1941-1945)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3546

Larissa Foss Sochodolhak, UEM

Palavras Chave:

Indigenismo; Fotografia;
Intelectuais; *América
Indígena*.

Resumo

Desde a conquista europeia do América a presença indígena tornou-se uma questão para os grupos dirigentes das sociedades que se constituíram no continente a partir da subjugação dessas populações. Ao longo do tempo, na maior parte dos casos, os “índios” foram encarados como um “problema” a ser resolvido.

Em 1940, chama a atenção a criação de um Instituto Indigenista Interamericano, sediado no México, que visava promover o estudo dos grupos nativos de todo o continente e formular propostas em favor dos indígenas dos vários países americanos. Uma das primeiras ações do Instituto foi a criação da revista *América Indígena* para compartilhar as informações científicas e promover política cultural de caráter indigenista.

Apresentaremos os resultados de uma pesquisa de iniciação científica que analisou a visão de “índio” expressa na revista oficial do Instituto Indigenista Interamericano por meio das fotografias. A análise foi realizada a partir dos referenciais teórico-metodológicos da História Intelectual e da Visual.

As fotografias são muito presentes no discurso revista, todos os seus volumes contam com uma gama considerável de imagens. Observamos que o foco principal das fotografias era a figura humana, praticamente não foi retratado o entorno daqueles identificados como “índios”.

Após a análise, concluímos que esse discurso visual, ao mostrar os indígenas de forma isolada, deslocados de seu contexto cultural, acabava passando a ideia de que se tratavam de seres desligados de uma organização social, aparecendo mais como uma sobrevivência do passado, como se não fizessem parte de uma cultura e uma sociedade inscritas no presente.

Introdução/Justificativa

A história do continente americano é perpassada pelo tema do indigenismo, tendo em vista o fato de a grande maioria das sociedades que o compõem terem sido fundadas sobre a conquista e subjugação das populações nativas. Lembremos que a própria alcunha de “índios” originalmente foi aplicada de forma genérica aos nativos do continente, não obstante sua diversidade, pelo navegante europeu Cristóvão Colombo, em fins do século XV.

Desde então, do ponto de vista dos grupos dirigentes das sociedades que se constituíram ao longo do tempo na América, os “índios” têm sido encarados como um “problema”, prático ou conceitual, como bem aponta o historiador Emilio Kourí em trabalho sobre o tema. Conforme observa esse autor, “a suposta alteridade histórica do indígena, postulada como a base de sua perene subjugação”, torna-se um elemento que exige “explicação, justificação, remédio ou solução”. As respostas dadas a essas questões variaram ao longo do tempo e tiveram expressões específicas em cada uma das sociedades onde se desenvolveram, mas é exatamente ao conjunto (heterogêneo) desses “conceitos, reflexões, análises, políticas e exortações a respeito do índio e de sua história” que se atribui a denominação de “indigenismo”. (KOURÍ, 2010: 419)

Apesar de as discussões indigenistas em diversos países americanos remontarem ao período colonial – como, por exemplo, no caso do México (VILLORO, 1996) –, somente no século XX podemos identificar a formação de uma instituição de caráter continental voltada para a reflexão e formulação de propostas políticas de cunho indigenista: o Instituto Indigenista Interamericano, criado em 1940, como fruto do *Primer Congreso Indigenista Interamericano*, realizado na cidade mexicana de Pátzcuaro naquele mesmo

ano, sob convocação do presidente Lázaro Cárdenas e dos indigenistas ligados ao seu projeto estatal, liderados por Moisés Saénz. Esse encontro teve dois frutos importantes: primeiro, conseguiu formular minimamente um acordo sobre o significado e os objetivos do indigenismo, em meio ao multifacetado caráter das discussões indigenistas que existiam nos diversos países naquele momento; em segundo lugar, deu origem a um organismo oficial, de caráter continental, para o fomento de políticas indigenistas comuns ao continente, o Instituto Indigenista Interamericano (III). Esse órgão se encarregaria de uma série de atividades, como a “coleta e difusão de informações acerca dos indígenas, o trabalho científico, a celebração de reuniões periódicas, a coordenação das políticas indigenistas e a promoção de filiais em outros países.” (GIRAUDO, 2011: 22).

A partir do surgimento do III foi sendo construído o que a historiadora Laura Giraudo (2011) chama de “um campo indigenista quase profissional”, sendo que o Instituto converteu-se na principal referência associativa e institucional de várias redes de intelectuais de diversos países identificados ao tema indigenista e tornou-se o centro a partir do qual foram sendo definidas as características dos especialistas indigenistas e suas relações com os aparatos estatais de vários países. O indigenismo oficial interamericano buscou legitimar-se como uma política especial, fundada no conhecimento científico, dirigida a um grupo com necessidades particulares (os “índios”) e com o objetivo de melhorar suas condições de vida. (GIRAUDO, 2011: 23) Assim, visando compartilhar informações científicas e promover uma política cultural de caráter indigenista, o III rapidamente passou a editar uma revista intitulada *América Indígena: órgano trimestral del Instituto Indigenista Interamericano*, cuja primeira edição foi publicada em 1941.

Para se compreender a visão do indígena predominante entre os intelectuais que faziam parte da instituição, um dos caminhos possíveis é resgatar o discurso de seu periódico oficial. E podemos observar que, além dos artigos de caráter científico e/ou político, as imagens fotográficas são uma parte importante desse discurso. Em geral, as edições da revista traziam publicadas diversas fotografias de “índios”, denominados nas legendas das fotos.

Objetivos

O principal objetivo da pesquisa foi analisar essas imagens para descobrir qual visão do “índio” elas revelam. A análise das imagens, juntamente com os discursos escritos (principalmente as legendas e também os editoriais da revista), permite identificar a visão de “índio” predominante entre os intelectuais produtores da revista.

O marco cronológico foi o início da atuação do Instituto, em sua fase de consolidação sob a política da Boa Vizinhança, entre 1941 até 1945.

As áreas da História Visual e Intelectual deram a base teórico-metodológica para a pesquisa (MENESES, 2003; ALTAMIRANO, 2010; SARLO, 1992), pois as fontes principais eram as fotografias e essas foram publicadas em uma revista intelectual.

Resultados

Apesar de estar voltada aos povos nativos americanos, a revista *América Indígena* não era escrita por eles, mas sim por intelectuais que se identificavam com a questão indigenista. Então toda a estrutura do periódico estava sujeita à visão de seus idealizadores. No caso das fotografias, como mostra Beatriz Sarlo, dentro da “sintaxe” de uma revista, ou seja, o sentido de seu discurso político-intelectual, “as imagens podem ser tão programáticas quanto os textos”.

(SARLO, 1992, p.12)

Dentro da revista encontramos diversos tipos de imagens, dentre as quais a fotografia é a mais presente. Foram elas, e exclusivamente aquelas que retratam pessoas identificadas como indígenas, o objeto de estudo da nossa pesquisa. Essas fotos aparecem todas em preto e branco e trazem sempre evidenciadas as figuras humanas; praticamente nunca há um cenário em volta que seja destacado, mas simplesmente a imagem daqueles que as legendas indicam como “índios”.

Entendemos que uma imagem, por mais que aparente ser realista, como é o caso da fotografia, sempre traz consigo, ainda que de maneira implícita, a intencionalidade de quem a produziu. Portanto, mais do que simplesmente vistas, essas imagens precisam ser lidas. Como observa Peter Burke, as imagens também “constituem-se numa forma importante de evidência histórica”. Assim como qualquer outra fonte ela está sujeita a fragilidades. É verdade que as “imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho”, mas é importante levar em conta que “elas podem ter sido criadas para comunicar uma mensagem própria”, que o historiador pode buscar recuperar tomando cuidados específicos. (BURKE, 2004, p. 17-18)

No caso das fotografias aqui analisadas, foi importante analisá-las como parte do discurso indigenista veiculado pela revista *América Indígena*. Assim, as imagens que pretendiam mostrar o “índio” foram analisadas visando compreender a representação do mesmo difundida pelos intelectuais ligados ao Instituto Indigenista Interamericano, através de sua publicação oficial, durante os primeiros anos de atividade do Instituto.

Na realização da análise, as imagens foram tratadas enquanto “textos visuais” e “lidas” em conjunto com textos verbais, principalmente as legendas que acompanhavam as próprias fotografias,

mas também os editoriais da revista publicados no mesmo período. Sendo assim, como propõe Ulpiano Bezerra de Meneses (2003), as imagens nos serviram como “vetores de investigação de aspectos de organização, funcionamento e transformação da sociedade”, pois, por intermédio delas, procuramos entender elementos do projeto indigenista interamericano, do qual *América Indígena* era um órgão oficial.

A revista apresenta uma grande quantidade de fotografias de indígenas. Dentro do recorte estabelecido (1941-1945) encontramos 92 delas, sendo individuais ou coletivas. As fotografias sempre vêm acompanhadas de suas legendas.

Ao analisar as quantidades de fotografias por países, percebemos que elas não são representativas da proporção de indígenas nesses locais. No topo do ranking encontramos o México com 24 fotografias, acompanhado pelo Peru com 14 e Estados Unidos com 13. Os demais países ficaram de 1 a 9 fotografias.

A análise quantitativa apresentou a predominância dos países mais representativos no Instituto Indigenista Interamericano, como o México, onde se encontravam as sedes do Instituto e da revista *América Indígena*, e os Estados Unidos, país que, junto com o México, tinha sido um dos idealizadores do Instituto, principalmente através da figura de John Collier, que era comissário de Assuntos Indígenas dos Estados Unidos e que fez parte do Comitê Executivo da revista *América Indígena* desde sua fundação.

Além disso, se relacionarmos as quantidades de fotografias de indígenas publicadas na revista com a localização das regiões do continente americano, percebemos que a maioria representa grupos indígenas das áreas associadas às chamadas “grandes civilizações”: Mesoamérica e Andes: México e área maia da Guatemala totalizam 28 fotografias, enquanto os Andes (Peru, Bolívia e

Equador) unem mais 30 fotos. Somente esses dois espaços somados perfazem mais de 60% do total das fotografias, totalizando 58 das 92 fotos. Assim, apenas 34% das fotografias representam indígenas de outras partes do continente. Essa visão de “índio”, que privilegia as áreas das chamadas “grandes civilizações” pode ser encontrada no pensamento de Manuel Gamio, já na década de 1910, onde o México seria o modelo para o continente.

Outro elemento quantitativo importante de se observar em relação às fotografias é a sua procedência, ou seja, quem as concedeu para a publicação na revista. Algumas foram cedidas por indivíduos, que não necessariamente eram identificados como os fotógrafos produtores das imagens, outras por institutos, como órgãos governamentais dedicados à questão indígena em determinados países (caso, por exemplo, do U.S. Indian Service); institutos universitários de pesquisa (caso do *Instituto de Investigaciones Sociales da Universidade Nacional do México*) e até órgãos de turismo. Também nessa quantificação, México, Peru e Estados Unidos são os que possuem um maior número de fotografias.

Esses dados permitem identificar nos três países (México, Peru e Estados Unidos) uma certa dianteira em relação à questão indígena, se comparado aos demais. No Peru, desde o século XIX, houve diversos movimentos indigenistas que pressionavam as autoridades por políticas indigenistas. (GONZÁLES, 2010) No México, principalmente após a Revolução Mexicana, a questão indígena tornou-se um tema político central para a integração da sociedade e a construção de uma identidade nacional. (KOURÍ, 2010). No caso dos Estados Unidos, a questão indígena ganhou centralidade no século XIX, com o processo de expansão para o oeste.

Mais um ponto importante na análise quantitativa das fotografias é a sua relação com os artigos da revista. Do total

de 92 fotos, verificamos que apenas 41 delas se relacionam com os temas dos artigos publicados nas mesmas edições da revista. Ainda assim, essa relação se estabelece de forma indireta, através das legendas que destacam aspectos como a etnia, os afazeres, entre outros, que remetem os indígenas retratados a um determinado país, sobre o qual também tratam os artigos.

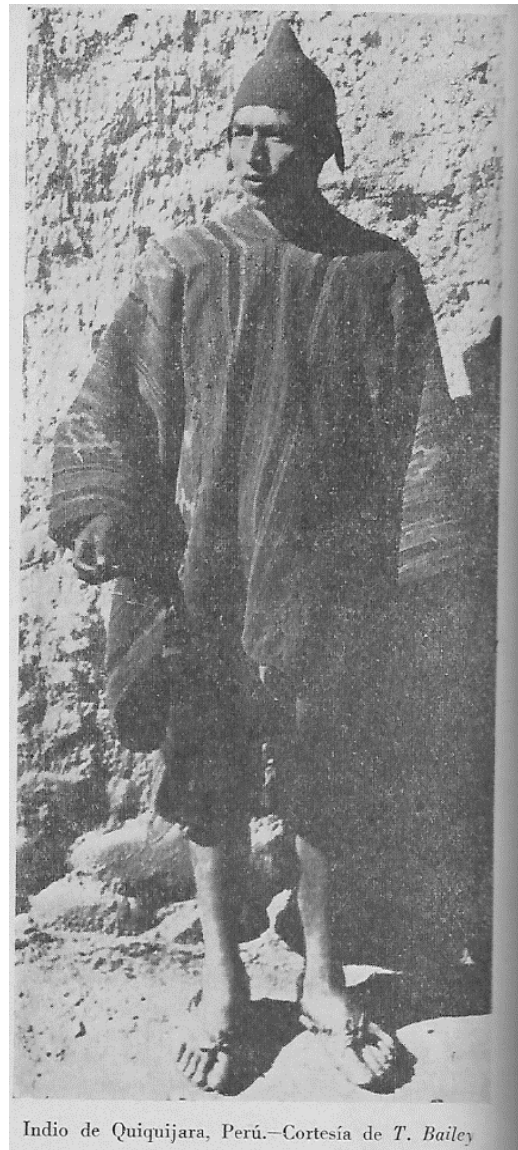
No caso das outras 51 fotografias (que são a maioria) não verificamos qualquer ligação com os textos publicados na revista, sendo expostas de forma independente, muitas vezes antes do sumário ou depois das notas bibliográficas.

Dessa forma, consideramos que a maioria das imagens de indígenas publicadas em *América Indígena* configuram um discurso que é um “escrito com o olho”, conforme a expressão do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (2004). Ou seja, a predominância do visual e sua quase completa independência em relação ao textual fazem dessas imagens, juntamente com suas legendas que as acompanham, um “discurso visual por si só”, que implica numa leitura “que é para ser vista, antes de lida.” (2004, p.28) Nesse sentido, acreditamos que as imagens por si só (junto com as legendas), constituem um discurso visual sobre “o índio”.

Essas imagens, em geral, têm como foco principal a figura humana, buscando sempre evidenciá-la, ao invés do meio. Praticamente não retratam o entorno, o lugar onde foi feita a fotografia, colocando-se sempre o foco na figura do “índio”, como se pode observar a seguir.

De uma forma geral, podemos perceber o elemento étnico como o predominante nas fotografias, já que a maioria delas traz o nome da etnia à qual pertenciam os indígenas retratados. Isso, à primeira vista, poderia sugerir uma postura, em grande medida progressista, de respeito à diversidade cultural. Entretanto, quando analisamos os editoriais da revista percebemos que não

era essa exatamente a perspectiva assumida pelo Instituto e expressa em sua publicação oficial. Em um editorial de 1944, intitulado “O indígena frente ao Estado”, por exemplo, encontramos a defesa de deveriam ser instituídas “legislações apropriadas que for[çass]em [os índios] a mudar seus costumes.” (*América Indígena*, Editoriais, outubro de 1944 de janeiro de 1945)



Índio de Quiquijara, Perú.—Cortesía de T. Bailey

América Indígena, 1944, vol. 2 (abril)

Assim, muito mais do que o respeito à diversidade cultural, esses editoriais apontam para propostas autoritárias como as de “forçar” os nativos a mudarem seus modos de vida e adotar costumes mais “eficazes”, evidentemente do ponto de vista dos indigenistas. Dentro de um discurso como esse, as legendas das

imagens que remetem, quase sempre, ao nome da etnia de origem do nativo retratado, dão a impressão de se tratarem de espécie, que são simplesmente estudadas pelos cientistas, no caso os indigenistas.

No início de suas publicações (dos editoriais) como diretor da revista, o antropólogo Manuel Gamio demonstra dois focos principais: a defesa da aplicação de critérios científicos para identificar as características culturais das populações indígenas no continente e a valorização da arte indígena. Nessa perspectiva indigenista, o aspecto cultural ganhava uma primazia quase absoluta, que se encaminhou, no discurso editorial da revista, na cristalização da noção das culturas indígenas identificadas ao “folclore” e, inclusive, na identificação profissional dos antropólogos enquanto “folcloristas”. (*América Indígena*, julho de 1945)

Essa perspectiva também aparece no discurso visual da revista, que sempre busca representar o indígena como uma figura que se aproxime de uma peça de museu, dotada de traços exóticos, entre os quais se destacam os trajes.

No conjunto das fotografias analisadas, são poucas as circunstâncias em que as legendas não estão identificadas por palavras como “índio/índia” ou o grupo étnico. No caso das fotos que compõem um discurso visual autônomo, sem se relacionarem com os artigos publicados na revista, das 51 fotografias, somente 4 não são identificadas dessa maneira. O fator predominante nesse caso é a ocupação dos indivíduos retratados, que são principalmente o artesanato e outros trabalhos manuais. A predominância nesse caso é feminina. Os homens, quando são retratados, normalmente vestem trajes e realizam ocupações são mais sofisticados ou mais próximos dos modelos ocidentais

No caso das mulheres, percebemos que, na maioria das vezes, elas são representadas de uma maneira que

remete à noção de um primitivismo, semelhante às representações do “outro” feitas por artistas europeus no século XIX e inícios do XX, tais como Paul Gauguin, entre outros. (HARRISON; FRASCINA; PERRY, 1993)

No caso das fotografias analisadas nesta pesquisa, podemos observar que a imagem de “índio” que elas passam, sejam homens ou mulheres, está muito próxima da noção de “primitivismo”. Como mostram Harrison, Frascina e Perry sobre os pintores, esse tipo de representação do “outro” envolve uma rede complexa de “interesses sociológicos, ideológicos, estéticos, científicos, antropológicos, políticos e legais que são introduzidos numa cultura e a determinam”. Portanto, existe uma relação de poder entre aqueles que produzem a visão de “primitivo” e os que são definidos enquanto tal. O conceito de “primitivo” foi usado, desde o século XIX, para distinguir as sociedades europeias daquelas consideradas como menos civilizadas. Na virada do século XIX para o XX, foi utilizado para designar culturas vistas como mais próximas à natureza e tornou-se um “rótulo”, usado genericamente para descrever sociedades vistas pelos europeus como inferiores às suas e designadas por eles como “primitivas”. Tratava-se de um termo eurocêntrico que podia ser aplicado a toda e qualquer cultura que era diferente daquilo que era considerado civilizado para o ocidental. Ou seja, o “primitivo” atuava como um conceito que desfigura o outro, sua cultura e sociedade, que passam a ser identificadas como estranhas e inferiores em relação à cultura que o está descrevendo. (HARRISON, FRASCINA; PERRY, 1993, p. 4-5)

É esse exatamente o caso que encontramos nas fotografias publicadas de indígenas na revista e suas descrições, nas legendas. Há casos em que essas pessoas chegaram a ser apresentadas, por meio das legendas, como espécies de selvagens, através de descrições que parecem tratar

mais de animais do que de seres humanos. Nesses casos os indígenas são tratados como “tipos” ou “exemplares”, o que lhes confere uma conotação quase que não-humana (individual), sendo identificados de forma semelhante a descrições de plantas ou animais típicos de uma determinada região, como aparece na imagem abaixo:



Fonte: *América Indígena*, 1942, vol. 3 (julho)

Essa maneira de tratar das populações indígenas do continente mostra que o indigenismo do Instituto Interamericano, expresso em sua publicação oficial, a revista *América Indígena*, ao contrário de representar uma vanguarda científica no tratamento da questão indígena, como pretendiam ser os dirigentes do Instituto (GIRAUDO, 2011), na realidade encontrava-se muito próxima da abordagem cientificista da Antropologia do século XIX.

Desde seus inícios, a ciência antropológica, de origem europeia, preocupou-se em estudar o “outro”, diferente do ocidental, a partir de duas versões básicas: ou era o bom selvagem que deveria ter sua pureza protegida, ou

era o primitivo fadado a desaparecer. (TACCA, 2011, p. 192-202)

Essa questão se torna ainda mais densa quando nos remetemos à América, pois, neste caso, o “outro” retratado como primitivo, o indígena, não encontra-se geograficamente distante, mas habita o mesmo continente e, muitas vezes, o mesmo país que seus estudiosos, os indigenistas, que são, na maioria das vezes, cientistas ligados às áreas de Etnografia e Antropologia.

Na maioria das fotos analisadas, como já apontamos, é a figura humana que aparece em evidência, apenas os “índios” são retratados, não o seu entorno ou o contexto social do qual faziam parte. Muitas das fotos chegam a enfatizar caracteres físicos atípicos e inclusive anômalos entre os nativos, o que servia como material de estudo antropológico.

Como é sabido, o uso da fotografia pela Antropologia remonta aos trabalhos de Malinowski, um dos pais fundadores dessa ciência (SAMAIN, 1995). O historiador e antropólogo Christopher Pinney (1996) estudou o que chamou de “história paralela” da Antropologia e da fotografia” e mostrou que, quando a fotografia estava em seus inícios, a Antropologia ainda engatinhava enquanto ciência e viu nesse novo veículo um recurso útil em sua busca pela cientificidade. Quando as pesquisas de campo se tornaram imprescindíveis para o trabalho antropológico, surgiu como paradigma que os antropólogos deveriam fazer registros, escritos e, se possível também visuais, dos grupos humanos que eram objeto de seu trabalho científico. Deste modo, o uso da fotografia ganhou espaço na Antropologia como forma de mostrar algo “verdadeiro”. (PINNEY, 1996)

Percebemos, portanto, que o uso da fotografia pela Antropologia, em seus inícios, se relacionava com a tentativa de enfatizar seu caráter científico, objetivo e verdadeiro, como se as fotos, por si próprias, fossem capazes de mostrar a

realidade dos povos estudados. Quando relacionamos essa ideia com as duas versões básicas identificadas por Fernando de Tacca (2011) nas abordagens da Antropologia – o bom selvagem a ser protegido, ou o primitivo fadado a desaparecer –, percebemos que a fotografia tende a cumprir uma função central principalmente no segundo caso, já que seria necessário registrar as etnias que, com o processo inexorável de evolução, fatalmente iriam desaparecer.

Considerações Finais

Essa visão evolucionista descrita acima é, em grande medida, a que pode ser percebida no discurso visual sobre o “índio” transmitido pela revista *América Indígena*, configurado através da publicação das fotografias. Em todas as imagens analisadas os indígenas são representados de forma isolada, deslocados de seu contexto social, sem retratar, por exemplo, a vida em comunidade ou elementos substantivos de sua cultura. Dessa forma, as fotos passavam a ideia de que se tratavam de seres desligados de uma organização social, como se não fizessem parte de uma cultura e uma sociedade inscritas no presente. Essa visão dos “índios” levava a percebê-los mais como uma sobrevivência do passado do que como parte ativa da história.

Nesse sentido, esse discurso visual também passava a ideia de que os indígenas eram seres incapazes de se transformarem por si próprios, necessitando de ajuda externa para modificarem seu modo de vida e se integrarem na sociedade moderna. Era exatamente essa a perspectiva assumida pelo Instituto Indigenista Interamericano em relação aos nativos. Como já mencionamos, os indigenistas ligados ao Instituto procuravam apresentar-se como “os cientistas” capazes de “discernir”, em nome da “eficácia”, o que poderia ser mantido e o que deveria ser abolido do modo de vida tradicional dos indígenas, chegando a defender, se preciso,

“legislações apropriadas que for[çass]em [os índios] a mudar seus costumes.” (*América Indígena*, Editoriais, outubro de 1944 de janeiro de 1945)

Referências

- ALTAMIRANO, Carlos. Elites culturales en el siglo XX latinoamericano. In:
- ALTAMIRANO, Carlos (ed.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires, Katz, 2010, p. 9-28.
- INSTITUTO INDIGENISTA INTRAMERICANO. *América Indígena*, Editoriais, outubro de 1941 a outubro de 1945.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro, 18 (1), 2004, p. 27-54.
- GIRAUDO, Laura. Un campo indigenista transnacional y “casi profesional”: la apertura en Pátzcuaro (1940) de un espacio por y para los indigenistas. In: GIRAUDO, Laura; MARTÍNSÁNCHEZ, Juan. **La ambivalente historia del indigenismo: campo interamericano y trayectorias nacionales (1940-1970)**. Lima: IEP, 2011, p. 21-98.
- MARTÍN-SÁNCHEZ, Juan. **La ambivalente historia del indigenismo: campo interamericano y trayectorias nacionales (1940-1970)**. Lima: IEP, 2011, p. 21-98.
- KOURÍ, Emilio. Manuel Gamio y el indigenismo de la Revolución Mexicana. In:
- ALTAMIRANO, Carlos (ed.). **Historia de los intelectuales en América Latina II**. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires, Katz, 2010, p. 419-432.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.23, n°45, p.11- 36, 2003.
- PINNEY, Christopher. A história paralela da antropologia e da fotografia. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. UERJ – Rio de Janeiro, vol.2, 1996, p. 29-52.
- HARRISON, Charles; FRASCINA, Francis; PERRY, Gill. **Primitivismo, Cubismo, abstração: começo do século XX**. São Paulo: Cosac Naify, 1993.
- RICCO, Sergio. Indigenismo y Educación. Prácticas racistas en las Américas. In: **Pacarina del Sur**, n° 24, dossier 16, jul-sep, 2015.

Disponível em:

<<http://www.pacarinadelsur.com/editorial/52-dossiers/dossier-16/1172-indigenismo-y-educacion-practicas-racistas-en-las-americas>> (Acesso em 21/01/2016).

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizonte Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, 1995, p. 23-60.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones

de una práctica. In: **América**: Cahiers Du CRICCAL. Paris, 1992, p. 9-16.

SKINNER, Quentin. **Lenguaje, política e historia**. Buenos Aires: Quilmes, 2002.

TACCA, Fernando de. O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio. In: **História, Ciências, Saúde**- Manguinhos. Rio de Janeiro, v.18, 2011, p.191-223.

VILLORO, Luis. **Los grandes momentos del indigenismo en México**. México: FCE, 1995.